

**FACULDADE PATOS DE MINAS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ROGÉRIO CÉSAR BRAZ DAS CHAGAS

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: Preconceitos e
Dificuldades no Ambiente Escolar Diante da
Sexualidade**

**PATOS DE MINAS
2010**

ROGÉRIO CÉSAR BRAZ DAS CHAGAS

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: Preconceitos e
Dificuldades no Ambiente Escolar Diante da
Sexualidade**

Monografia apresentada a Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Esp. Gilmar Antoniassi Júnior

**PATOS DE MINAS
2010**

FACULDADE PATOS DE MINAS
ROGÉRIO CÉSAR BRAZ DAS CHAGAS

SEXUALIDADE NA ESCOLA: preconceitos e dificuldades no
ambiente escolar diante a sexualidade

Monografia aprovada em 17 de Novembro de 2010 pela comissão examinadora
constituída pelos professores:

Orientador: _____
Prof. Esp. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof. Ms. Fredston Gonçalves Coimbra
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof. Esp. Daniela Cristina Silva e Borges
Faculdade Patos de Minas

Dedico este estudo aos pais, professores e aos possíveis leitores que se preocupam com a sexualidade dos adolescentes e como esse tema é abordado no âmbito escolar.

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a construção deste estudo, em especial a Deus pelo dom da vida e da sabedoria, pois sem Ele a realização deste trabalho não seria possível.

Aos meus familiares, especialmente a minha mãe pelo apoio, compreensão e dedicação nos momentos em que mais precisei.

Ao meu orientador Prof. Esp. Gilmar Antoniassi Júnior pela competência, disponibilidade, paciência e compreensão durante todo o período de elaboração desse estudo.

A Prof. Esp. Kênya Junqueira Cardoso, psicopedagoga da Faculdade Patos de Minas, por me ouvir e aconselhar durante todo o trajeto da minha vida acadêmica.

Aos componentes da banca de defesa pelas sugestões e correções enriquecedoras incorporadas ao nosso trabalho.

“A sexualidade não é algo que possamos colocar embaixo do tapete ou manter escondido dentro de uma gaveta e fingir que não existe. [...] mas creio piamente que a felicidade está relacionada à maneira como o ser humano lida com a sua sexualidade. [...] Ninguém é assexuado, todos nós temos sexualidade”.

Pe. Reginaldo Manzotti

RESUMO

A sexualidade sempre foi um tema que carregou consigo tabus, mitos e preconceitos de uma sociedade repressora que contribuiu para o acúmulo de dúvidas quanto a temática da sexualidade. Debater sobre a mesma dentro do âmbito escolar era algo proibido, pois até então a sexualidade só poderia ser usada para fins de procriação e não como forma de prazer e os professores eram obrigados a não ministrar aulas que induzissem dúvidas quanto ao assunto e os alunos eram tidos como seres assexuados. Com o passar do tempo, com a evolução do mundo moderno, da mídia escrita e falada e com o avanço na publicação de trabalhos referentes à sexualidade, se viu então a necessidade de trabalhar a educação sexual no âmbito escolar, não como forma de indução do início das atividades sexuais e sim para sanar dúvidas que existiam referentes ao assunto. Com isso, aos poucos, a educação sexual foi introduzida no âmbito escolar, orientando os alunos de forma objetiva, clara e verdadeira. O diálogo então se tornou a ferramenta básica para o sucesso do trabalho de educação sexual no ambiente escolar, e as palestras com profissionais da área foram descartadas, pois as informações passadas por eles funcionam apenas como meras informações sobre a sexualidade. As dinâmicas então foram eleitas as formas mais interessantes de trazer o aluno para o contexto da educação sexual, não apenas como ouvinte, mas como participante ativo das atividades propostas para o debate do tema.

Palavras-chave: Educação Sexual, Escola, Sexualidade, Preconceito, Dificuldade.

ABSTRACT

Sexuality has always been a theme that carried with taboos, myths and prejudices of a repressive society that contributed to the accumulation of doubts about the topic of sexuality. Debating the same within the school context was forbidden, because until then sexuality could only be used for breeding purposes and not as a form of pleasure and the teachers were not required to teach classes that would induce doubts about the subject and the students were viewed as asexual beings. Over time, with the evolution of the modern world, the media, written and spoken with the advance of the publication of works related to sexuality, then we saw the need to work in sex education in schools, not as a means of inducing early sexual activity, but to remedy that doubts existed about the subject. With that, gradually, sex education was introduced in the school, guiding students in a objective, clear and true. The dialogue then became the basic tool for the job success of sex education in schools, and lectures by professionals in the area were ruled out because the information passed by them functioned as mere information about sexuality. The dynamics then elected the most interesting ways to bring students to the context of sex education, not just as a listener, but as an active participant in the activities proposed for the discussion of the topic.

Keywords: Sex Education, School, Sexuality, Prejudice, Difficulty.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | OBJETIVOS | 13 |
| 2.1 | Objetivo geral | 13 |
| 2.2 | Objetivo Específico | 13 |
| 3 | METODOLOGIA | 14 |
| 4 | HISTÓRIA DA SEXUALIDADE | 15 |
| | 4.1 A concepção Grega e Romana da Sexualidade | 16 |
| | 4.2 A Sexualidade entre os Hebreus e a influência do Cristianismo | 19 |
| | 4.3 A Sexualidade entre a Idade Média e Século XX | 21 |
| 5 | O PROFESSOR E A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE | 25 |
| 6 | POSSÍVEIS MANEIRAS DE SE TRABALHAR A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR | 30 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| | REFERÊNCIAS | 40 |

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade do ser humano é um assunto que durante anos sofreu com as atitudes de uma sociedade repressora que impediu o conhecimento da mesma. Isso apenas acrescentou para a construção de mitos e preconceitos que acabaram crescendo ao longo do tempo, contribuindo apenas para o acúmulo da curiosidade e para a construção de idéias errôneas quanto à temática da sexualidade.

Com isso, falar de sexualidade dentro do ambiente escolar era algo terminantemente proibido e o professor que ministrasse alguma aula relacionada a esse tema, não podia ultrapassar as barreiras das noções básicas de anatomia e fisiologia.

Vários autores, como por exemplo, Ribeiro (1999), Cruz e Oliveira (2002), Spitzner (2005), dentre outros, já dissertaram sobre a temática da sexualidade, buscando não apenas enfocá-la dentro do contexto escolar, mas mostrar as suas várias fazes, desde a Grécia antiga até os dias de hoje, passando pelos mitos e preconceitos que a mesma já enfrentou durante todo esse tempo que vem sendo estudada e até mesmo, propondo soluções para trabalhá-la com os adolescentes de forma dinâmica, verdadeira e informativa.

As dificuldades e preconceitos que os educadores encontram para trabalhar a sexualidade dentro do âmbito escolar foi o enfoque principal que levou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Com o tempo foi se descobrindo que a sexualidade é parte integrante do ser humano, e que as suas primeiras manifestações não se davam apenas quando o indivíduo alcançava a puberdade e sim desde o seu nascimento.

Diante disso, e de atualmente a sexualidade estar presente em todos os meios de comunicação, se viu necessário o debate da temática da sexualidade no âmbito escolar, e em 1997 os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) incluíram os temas relacionados à educação sexual nas salas de aula.

Mesmo com a evolução dos últimos anos, e com o aumento de trabalhos relacionados ao tema, alguns tabus, mitos e preconceitos inerentes a temática da sexualidade e o despreparo dos professores contribuem para as idéias errôneas quanto a esse assunto.

Com isso é de grande importância que a escola capacite os seus educadores para que os mesmos possam trabalhar a temática com os seus alunos, buscando orientá-los quanto à sexualidade levando-os a terem pensamentos críticos sobre o assunto.

Trabalhar de forma clara, verdadeira e objetiva buscando as dinâmicas como norte para o debate da sexualidade é essencial para que o assunto não se torne algo pesado e vulgar de ser debatido.

Portanto, o presente estudo pode ser de grande importância para a ciência e a sociedade, pois busca orientar os adolescentes quanto à temática da sexualidade, e orientar pais e professores de que a sexualidade não é um “bicho de sete cabeças”, e sim um tema saudável e de suma importância para os adolescentes enquanto futuros cidadãos.

Para melhor compreensão do tema proposto, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo aborda a história da sexualidade fazendo uma reflexão diante dos aspectos da Grécia, Roma, entre os hebreus e o cristianismo, passando pela idade média até o século XX. No segundo capítulo pode-se discutir e abordar a relação do professor e o adolescente com a relação à sexualidade. Já no terceiro capítulo a proposta é de ajudar o professor a pensar nas possíveis maneiras de se trabalhar a sexualidade no contexto escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Discutir sobre os preconceitos e dificuldades diante da sexualidade no ambiente escolar.

2.2 Objetivos Específicos

- Refletir os dados históricos e epistemológicos da sexualidade.
- Discutir sobre a dificuldade em abordar o assunto.
- Citar os impedimentos que os professores podem encontrar no ambiente escolar em relação à sexualidade.
- Promover uma reflexão sobre a sexualidade e a necessidade de mudanças de atitudes pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

3 METODOLOGIA

O presente estudo ocorreu através de pesquisas exploratórias e qualitativas, onde essas foram utilizadas como métodos para a revisão literária.

O presente estudo foi realizado através de análises de várias fontes, tais como: teses, artigos, monografias, revistas, bancos de dados: Scielo, Bireme, compra e empréstimo de livros relacionados ao assunto, Biblioteca da Faculdade Patos de Minas bem como de outras instituições e bibliotecas virtuais.

O critério utilizado para o levantamento de dados sobre o assunto foi em materiais que abordam o problema a ser discutido, buscando estabelecer palavras chaves como sexualidade, educação sexual, escola, preconceito, dificuldade, dentre outras, sendo que o período estabelecido para a consulta nos materiais foi aqueles publicados preferencialmente entre 1998 e 2010.

Estabeleceu-se então que a busca e a seleção dos materiais que foram utilizados na monografia foi entre os meses de fevereiro e outubro do ano de 2010, onde, após coleta e a leitura dos materiais selecionados, os mesmos passaram por uma rigorosa análise das idéias dos autores, buscando formular a redação do trabalho monográfico e/ou dos capítulos da monografia, visando então à conclusão final do pesquisador.

4 HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

Nos tempos da pré-história, quando o homem sentiu ser necessário dividir-se em grupos, também sentiu a necessidade de estabelecerem regras para o convívio com os seus semelhantes. Em um tempo que a luta era pela sobrevivência, o sexo e as práticas sexuais foram inseridos dentro dessas normas de convivência obedecendo a regras, exigências naturais e rituais de cerimônia. Após séculos, o homem descobre que pode modificar a natureza inserindo-lhe valores, momento esse em que surge a cultura (RIBEIRO, 1999).

De acordo com Tannahill (1983) pode-se entender como cultura o processo de inserção de valores na natureza, ou seja, quando o homem reconhece que pode transformar ou modificar a natureza e em um primeiro momento que pode cultivar sementes e domesticar alguns animais. Com isso, o homem acaba por descobrir a paternidade, momento em que percebe que os animais precisam copular para que a fêmea possa se reproduzir relacionando assim a necessidade do homem fecundar a mulher.

Ribeiro (1999) acrescenta que na história da sexualidade, em um determinado momento, o sexo deixa de ser apenas um ato biológico para se tornar um ato cultural, mostrando as demais culturas as quais possuem normas, crenças e valores próprios no que se refere à questão sexual do indivíduo. Portanto, o comportamento está ligado aos valores e as crenças que cada sujeito forma durante a sua vida e a sociedade é quem determina e é determinada pela forma de convivência que cada ser humano possui com o seu próximo. No entanto, a sexualidade foi construída através de conhecimentos históricos do passado, o que sabemos que é de suma importância para a compreensão da sexualidade nos tempos de hoje.

Para isso, vamos abordar a sexualidade através das influências e evoluções de pensamentos, mostrando épocas e nomenclaturas que ajudaram a compreender o que é a sexualidade nos tempos modernos.

4.1 A concepção Grega e Romana da Sexualidade

Para falar da sexualidade arcaica, começaremos por onde os deuses eram tidos como super-heróis: a Grécia. A mitologia grega está farta indícios que registram a sexualidade dos deuses.

Segundo Ribeiro (1999) os gregos mantinham um bom aspecto físico, pois achavam que um belo corpo poderia abrigar um espírito nobre, que lhe proporcionaria uma harmonia e uma igualdade tanto em aspectos materiais como em aspectos morais. A pederastia, que consistia em um homem tomar como seguidor uma criança já na fase da puberdade, era um ato comum entre os gregos. O mestre lhe ensinaria tudo o que fosse necessário para o seu desenvolvimento intelectual, e em troca o discípulo lhe proporcionaria dedicação e carinho.

Mesmo com tais relatos, alguns autores não admitem que entre mestre e discípulo houvesse amor físico, mas existem obras as quais relatam atividade sexual entre ambos. Platão em sua obra chamada *O Banquete*, que aborda o amor como tema, diz que o amor entre dois homens é o mais perfeito, porque dois homens são iguais. Na Grécia, apenas os homens livres eram considerados como cidadãos. Mulheres, escravos e crianças viviam de forma inferior a esses homens. As mulheres não tinham permissão para desenvolver o seu intelecto e também não podiam participar de reuniões que aconteciam na sociedade, com exceção das hetairas (cortesãs). Portanto, entre os homens havia a oportunidade de desenvolvimento do intelecto e nos encontros sociais a sedução entre eles não era tida como algo vergonhoso ou errado, sendo, então, valorizada (ARAÚJO, 1985, 1997 a).

De acordo com Rousselle (1984) as mulheres tinham o hábito de se auto-examinar. Esse ato acabou impulsionando o recolhimento dos médicos do “Corpo Hipocrático”, pois as mulheres possuíam uma intimidade muito grande com o próprio corpo o que lhes proporcionavam fazer o auto-exame e descobrir alguns tipos de doenças. Os médicos da época recomendavam o sexo precoce para as mulheres, pois acreditavam que o mesmo era facilitador do fluxo menstrual sendo então recomendado desde cedo. No entanto, havia a crença de que o sexo precoce poderia trazer problemas para a saúde da jovem, fato esse que deixou os médicos em um grande dilema, pois se recomendassem o sexo precoce para as jovens, esse

ato poderia trazer sérios problemas de saúde caso a mesma viesse a engravidar. Nessa época, Aristóteles chegou a aconselhar que as jovens não mantivessem relações sexuais durante a puberdade.

As mulheres também praticavam o homossexualismo e a masturbação. Existia na época um objeto conhecido como *olisbos*, espécie de pênis artificial feito de pele ou madeira, que era utilizado em relações homossexuais e até mesmo para a auto-satisfação. Ainda na Grécia, as mulheres faziam uso de fezes de crocodilo, ervas e azeite de oliva em emplastos de linho a fim de praticar a contracepção. Esses materiais eram precursores do diafragma e poderiam agir como espermicidas (RIBEIRO, 1999).

Em Roma, a vida do povo passava-se em torno da guerra, da força, do direito, do poder, da luta, e o corpo forte entre os romanos era muito valorizado. Nesse período a mulher e os filhos eram os bens maiores que um homem poderia ter. No século I a.C., se a mulher fosse surpreendida praticando o adultério, o homem tinha direito legal de matá-la e poderia se divorciar da mesma caso essa tivesse uma conduta repugnante e perversa, se possuísse lassidões para o sexo, quanto a sua moral ou se fosse estéril. Ter filho e cuidar da casa eram aptidões exclusivas da mulher, pois era esperado que ela participasse das negociações familiares (SPITZNER, 2005).

Para Ribeiro (1999) a mitologia grega foi assimilada pelos romanos, sendo assim, os Deuses da Grécia passaram a ser os deuses de Roma. A única diferença era o nome pelo qual os romanos chamavam esses deuses. Zeus, por exemplo, passou a ser chamado de Júpiter em Roma e Dionísio que era o deus dos vinhedos, passou a se chamar Baco, e ser o deus da bebida e da embriaguez. A adoração à deusa Vesta, que protegia o lar e a humanidade, era de suma importância para os romanos, pois eles acreditavam que através do cuidado que as virgens vestais tinham com o fogo sagrado é que traria o bem estar para o Estado. As vestais eram recrutadas por volta dos 10 anos de idade e deveriam guardar castidade por trinta anos e a moral dessas meninas era assunto de Estado e qualquer quebra do bom procedimento quanto à virgindade eram punidos com a morte. A virgindade em Roma era extremamente valorizada, ao contrario da Grécia, pois acreditavam que aquele que se casar com uma mulher que não fosse virgem, era tido como mau agouro, já que provavelmente ela seria infiel ao marido.

Wood (1967) acrescenta que em Roma havia três tipos de casamento: o *confarreatio*, o *coemptio* e o *usus*. No primeiro, o casamento era realizado apenas entre pessoas que pertenciam à elite ou entre nobres. Era um ritual de grande magnitude onde havia a invocação dos deuses e festas que se prolongavam por uma semana. No casamento *coemptio*, era uma versão mais simples do casamento *confarreatio*. O casamento acontecia dentro das leis, e de acordo com o primeiro exemplo de casamento, a noiva era passada das mãos do pai para as mãos do marido e qualquer deslize era resolvido pelo conselho familiar do marido. No *usus*, ultimo exemplo de casamento existente em Roma, o casamento era uma espécie de parceria entre as partes. Apenas após um ano de convivência é que o casal era reconhecido como casados e bastava que a mulher passasse três dias e três noites fora de casa para que a união fosse desfeita. Esse tipo de casamento foi muito utilizado pelas mulheres em casos que elas pudessem ficar sujeitas a algum tipo de punição do marido, pois o pai poderia ser mais flexível em caso de punição.

O homossexualismo e o bissexualismo eram muito bem aceitos entre os romanos, mas o homossexualismo não era tão praticado como na Grécia. Alguns imperadores ficaram conhecidos por seu comportamento bissexual como, por exemplo, Augusto, Tibério e até mesmo Júlio César que era conhecido como “[...] o marido de todas as mulheres e o esposo de todos os maridos.” (RIBERIO, 1999 p. 19).

De acordo com o autor supracitado, além de controlar a alimentação, a respiração e a oratória como forma de manter um corpo e mente saudáveis, os homens romanos ainda participavam de banhos em locais onde discutiam todos os tipos de assunto. Tannahill (1983) acrescenta que por esses banhos serem com uma água em uma temperatura muito alta, a fertilidade dos romanos poderia estar intimamente ligada a essa pratica.

Além disso, o mesmo relata que a morte de crianças doentes ou com alguma anomalia era praticada pelos romanos assim como também era praticada por outros povos da antiguidade e embora o casamento fosse monogâmico, os homens poderiam ser infiéis as suas esposas, mas se essas fossem adúlteras, os homens poderiam matá-las, afim de “lavar a sua honra com sangue”.

4.2 A Sexualidade entre os Hebreus e a influência do Cristianismo

Para Ribeiro (1999) a população hebraica se destaca das demais populações da antiguidade, pois os mesmos eram monoteístas e seguiam o Decálogo, espécie de código religioso e moral, no qual os três primeiros mandamentos eram religiosos e os demais se referiam ao comportamento moral do indivíduo. O sexo nessa época era visto com muita naturalidade. Na bíblia, no antigo testamento, o sexo era tratado de forma positiva e no livro *Cântico dos cânticos*, existe parte de um poema atribuído a Salomão, onde o amor humano é cantado e glorificado como desfrute da natureza sexual e do convívio social. O texto abaixo exemplifica tal afirmação:

Os teus seios serão para mim como cachos de uvas,/ e o perfume da tua boca como o odor das maçãs./ A tua palavra é como um vinho excelente/que corre deliciosamente para o amado,/e desliza por entre os seus lábios e os seus dentes. (Ct 7, 10).

Ainda de acordo com o autor supracitado, os hebreus mantinham como crença que a procriação era a razão básica para qual o indivíduo deveria manter a relação sexual. Nessa época, haviam muitos tabus relacionados à sexualidade, um deles, por exemplo, era o da menstruação, onde as mulheres durante o seu ciclo menstrual eram tidas como impuras e ficavam proibidas de manter relações sexuais e os homens proibidos de qualquer espécie de toque na mulher nesse período.

A crença era que a mulher durante a sua menstruação contaminaria e deixaria impura aquela pessoa que a tocasse. Ao final do seu período menstrual, que entre eles era tido como um período de impureza, a mesma deveria praticar um ritual de purificação que era praticado nas sinagogas e então poderia novamente se relacionar com o parceiro. Ressalta-se que o sexo não era visto como pecado, desde que as regras dessa época não fossem desobedecidas.

Entre os hebreus, a prostituição e a infidelidade não eram aceitos e quem as cometesse eram punidos com o apedrejamento. O mesmo com relação ao o sexo anal e o coito interrompido, pois para eles, o sêmen deveria ser depositado na vagina como forma de procriação, pois a mulher era muito importante na transmissão da cultura do seu povo, pois através dela era que as crianças aprendiam à cultura da sua população.

O Cristianismo surgiu em uma época em que Roma havia incorporado os valores gregos em sua cultura e as idéias que estavam na moda, eram as idéias de Platão (platonismo), Aristóteles (aristotelismo) dentre outras. Por acreditarem que o homem era portador de corpo e alma, e que o corpo era uma forma de obstáculo de desenvolvimento da alma para voltar ao plano superior, à filosofia que mais influenciou os intelectuais convertidos ou que praticavam o judaísmo da época foi o platonismo (RIBEIRO, 1999).

Para Araújo (1997) as idéias de Platão influenciaram os pensadores cristãos da época na elaboração das doutrinas a cerca das coisas divinas. Devemos, entretanto, considerar que as conversões ao cristianismo se deram principalmente entre os pagãos e não entre os judeus. Aqueles que se convertiam ao cristianismo, geralmente eram pessoas que já eram adeptos aos pensamentos filosóficos, que propunham que a razão e a vontade deveria ser desenvolvida de acordo com os instintos de cada individuo.

De acordo com Silva e Dorigon (2008) a partir do cristianismo a sexualidade passa a ser admitida apenas no matrimônio e para fins de procriação. Se a mesma acontecesse fora do casamento, era tido como pecado. A monogamia e a virgindade das mulheres eram tidas como virtudes, e se a contracepção era pecado, o homossexualismo era um pecado muito maior, e além de repúdio para a moralidade cristã esse tipo de relacionamento era reconhecido como perigo para igreja e até mesmo para o Estado.

Nessa época também, o batismo era negado ao homossexual, e o mesmo só poderia se batizar e possuir instruções na fé depois que houvesse a renuncia a esses hábitos que eram considerados malignos (TANNAHILL, 1983).

Brown (1990) dizia que se os cônjuges, quando pretendiam buscar apenas o prazer carnal, o casamento dos mesmos era tido como desprezível. Porém, se o casamento era destinado à procriação, ele constituía-se de um bem. Santo Agostinho e seus cristãos, não encontraram um modo de ligar a possibilidade de o sexo ser tido como uma forma de enriquecer o relacionamento entre esposo e esposa, pois o mesmo acreditava que a busca pelo prazer carnal deveria ser evitado e toda busca por esse prazer era condenável, mesmo que acontecesse entre o casal.

4.3 A Sexualidade entre a Idade Média e o Século XX

Ribeiro (1999) relata que a Idade Média vai desde a queda do Império Romano até a queda de Constantinopla, época essa que a religião e a moral eram muitíssimo valorizadas. A influência da Igreja vai além âmbito religioso abrangendo até mesmo o âmbito social. Essa época foi fortemente marcada por contradições da Igreja, pois ao mesmo tempo a mesma era mentora das Cruzadas – onde se matava em nome de Deus - e de uma doutrina que defendia o desprendimento das coisas materiais e o amor, que foi representada por São Francisco.

De acordo com o autor supracitado, nos primeiros séculos da Idade Média, se um homem quisesse desenvolver o seu intelecto por meio do estudo, o mesmo deveria se tornar padre, pois não havia escolas e toda a instrução de leitura e escrita estavam a cargo da Igreja que possibilitava esse estudo apenas dentro dos mosteiros.

Nessa época também, a repressão sexual era muito grande. A Igreja admite o casamento, mas com menos importância que o celibato e a virgindade. Continua tendo a sexualidade como pecado e admitindo que a mesma seja praticada apenas dentro do casamento e estabelecendo regras em relação a essa posição (SILVA; DORIGON, 2008).

Segundo Tannahill (1980), a Igreja limitava a frequência das relações sexuais de acordo com a seguinte afirmação:

[...] Teólogos recomendavam a abstenção nas quintas-feiras, em memória da prisão de Cristo; nas sextas-feiras em memória de sua morte; aos sábados, em honra a Virgem Maria; aos domingos, em homenagem a ressurreição e às segundas-feiras em comemoração aos mortos. As terças e quarta-feiras eram amplamente abrangidas por uma proibição de intercurso durante jejuns e festivais (os quarenta dias da Páscoa, Pentecostes e Natal; os sete, cinco ou três dias antes da Comunhão, e por aí em diante.”

A partir do século VIII, começaram as mudanças em relação ao amor e ao sexo. Surgiram os trovadores e o amor cortês. O primeiro consistia na dedicação de poemas à amada enquanto o segundo envolvia novos ideais, sentimentos e filosofia na relação do casal; ambos buscavam o amor verdadeiro, excluindo completamente o sexo. Na época foi tido como crença que aquele homem que

amasse ardentemente uma mulher seria adúltero. Mas no início do século XIV, a repressão sexual volta a se intensificar, momento esse que surge um novo fenômeno, o medo de bruxarias. Alguns autores mencionam as parteiras como bruxas, pois elas elaboravam porções e simpatias para as mulheres não engravidarem ou até mesmo para o aborto. Essa época e esse medo foram marcados pela subsequente caça às bruxas (RIBEIRO, 1999).

Segundo Ribeiro (1999), o século XX foi uma época de muitas transformações, tanto no âmbito tecnológico quanto no âmbito científico, o que ocasionou propagação de novas idéias. A sexualidade passou a se libertar de tantos preconceitos e o comportamento sexual das pessoas se modificou e não era mais restrita ao genital ou à procriação visando à aceitação da sexualidade plena.

De acordo com Loyola (2003), esse período foi marcado por forte interferência da medicina em relação à sexualidade. O desenvolvimento tecnológico na área da reprodução e a vontade de buscar respostas sobre a sexualidade não apenas na psicanálise, mas em disciplinas correlatas ao tema, como pedagogia, demografia e estudos sociais foram apenas algumas interferências da medicina quanto à sexualidade.

Nessa época, a mulher se conscientizou que poderia abranger novas oportunidades, mas sofria com a necessidade de conciliar uma carreira bem-sucedida e a vida familiar. Grandes mudanças ocorreram neste período, uma dessas mudanças foi o direito ao voto. Este foi um movimento de luta demorado, mas após adquirirem este direito, as mulheres realizaram inúmeras reformas. O ingresso nas universidades e em algumas profissões, bem como o direito a receber a custódia dos filhos em caso de divórcio foram apenas algumas dessas reformas. (SPITZNER, 2005).

Araújo (1985, 1995, 1997, 1997b) relata que após a segunda guerra mundial é que houve a maior mudança e progresso em relação aos costumes. O mundo se deparou com a destruição da Europa e do Japão após a guerra, e teriam que enfrentar a reconstrução desses países. O surgimento da televisão fez com que a comunicação entre nações fosse mais rápida e a formação de idéias através de propagandas que eram passadas nos meios de comunicação foi muito grande. Em meio a todos esses conflitos, a mulher continuou a luta pelos seus ideais e os jovens se tornaram mais livres da influência paterna. O pós-guerra foi marcado por muitos nascimentos de crianças as quais foram criadas com uma percepção do mundo

muito diferente da percepção de seus pais. Essa nova geração protagonizou a contracultura.

A década de 60 foi marcada pela comercialização da pílula anticoncepcional que foi desenvolvida nos anos 50 por Gregory Pincus e seus colaboradores. Com a eficácia do medicamento e a comercialização do mesmo, foi possível desvincular o sexo da procriação (RIBEIRO, 1999).

Segundo Gregersen (1982) a emancipação da sexualidade aconteceu após a contracultura da década de 60. Foram introduzidos novos estilos de vida entre os jovens e até mesmo questionamentos políticos bem como a aceitação do amor livre, aborto, homossexualismo, nudez em público e a veneração às drogas.

De acordo com Ribeiro (1999) um importante momento para os estudos da sexualidade foi o Movimento para a Libertação Gay, pois este tomou características políticas e foi neste momento em que eles enfrentaram os preconceitos e assumiram posturas políticas. Na década de 70, teve o nascimento do primeiro bebê de proveta, fato este que tomou proporção mundial e várias discussões religiosas e éticas.

Os meios de comunicação passaram a abordar assuntos que antes eram tidos como impróprios, como por exemplo, gestação e o parto. O nu passou a ser comum no cinema, nas revistas e o sexo veiculado para milhões de pessoas através dos meios de comunicação. A luta pelo aborto continuou entre as feministas, mas apesar de liberado em alguns países, a Igreja Católica se manteve fortemente oposta a essa idéia.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a década de 80 foi marcada pelo surgimento da AIDS. Os governos se mobilizaram para combater a doença, mas, fica provado que é com o diálogo aberto que se pode fazer a prevenção deste mal, ficando comprovado que a educação sexual é de suma importância, não apenas enfocando as DST, mas também abordando a sexualidade como uma das integrantes da vida do ser humano.

O sexo então provoca no mundo todo o interesse em se pesquisar ainda mais sobre a sexualidade, multiplicando os cursos de pós-graduação em sexologia. Temas como aborto, homossexualismo, virgindade, infidelidade, dentre outros, passam a serem discutidos por profissionais em fóruns, simpósios, congressos, etc.

Com isso, os estudiosos procuram resgatar séculos de repressão sexual e falta de diálogo, impondo que a educação sexual seja parte da educação de todo o

ser humano, não de forma autoritária, mas fazendo parte do diálogo deste ser humano da forma mais natural possível.

5 O PROFESSOR E A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE

A adolescência é uma fase da vida onde circulam muitas e variadas idéias ao seu respeito. Muito se tem falado e discutido para entender melhor este momento da vida do ser humano, porém essas discussões parecem ser inadequadas e incompreendidas. Além disso, dizem que este momento da vida é marcado por constantes crises, turbulências e transformações que marcam a vida do adolescente, e os pais e professores às vezes ficam sem saber como agir diante das transformações vividas pelos jovens (SPITZNER, 2005).

Durante muitos anos, o termo adolescência era definido quase que exclusivamente para termos biológicos, e puberdade e adolescência eram palavras sinônimas. Entretanto, com o passar do tempo, adolescência deixou de ser apenas um termo biológico, alcançando então uma conotação psicossocial. Vale então tornar saliente a diferença entre puberdade e adolescência. A puberdade nada mais é do que o processo evolutivo onde o sujeito alcança a sua maturidade sexual. Adolescência, no entanto, é um conceito mais amplo onde ocorrem mudanças na estrutura da personalidade bem como em funções que o indivíduo exerce na sociedade. Por tanto, adolescência é um conceito psicossocial, que representa uma fase onde o indivíduo é “convidado” a realizar importantes adaptações de ordem social e pessoal, tais como a independência financeira e emocional, escolha de uma vocação e até mesmo a própria identidade sexual (PINHEIRO, 2000).

As transformações sexuais não acontecem apenas quando o indivíduo atinge a sua adolescência. Segundo Marcondes (1992) elas começam a acontecer quando crianças, onde todos imaginam que elas não passam de pequenos seres “angelicais” desligados do sexo.

Freud foi um dos primeiros a relatar nos seus estudos sobre os aspectos psicológicos da sexualidade. Em uma de suas obras, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud destaca que a sexualidade do indivíduo inicia-se no nascimento do sujeito, e com essas conclusões Freud causou um grande impacto na sociedade, pois acreditavam que a sexualidade do indivíduo iniciava-se apenas na puberdade, com a evolução dos hormônios sexuais e seus estudos comprovaram que o

desenvolvimento da libido se inicia já nos primeiros contatos entre mãe e filho e perdura até a puberdade, onde se completa. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Sendo assim, a sexualidade é algo que se inicia na vida de um indivíduo logo após o seu nascimento e termina apenas no dia de sua morte, respeitando sempre a cultura e a sociedade em que cada um está inserido, tornando um requisito básico da personalidade desse sujeito (GOMES, 2008).

Bock, Furtado e Teixeira (2002) citam que uma das primeiras manifestações da sexualidade do indivíduo é denominada de fase oral. Essa fase constitui o prazer que a criança tem quando suga o leite materno dos seios da mãe, tornando a boca como fonte de prazer. Posteriormente a essa fase, vem à fase anal, que nada mais é do que o prazer que a criança possui em expulsar ou reter as fezes. Logo em seguida encontramos a fase fálica, que é a fase onde a criança descobre os seus órgãos genitais tornando-os a sua zona de erotização. Após todo esse período, a criança passa por um intervalo da sua sexualidade, denominado período de latência. Esse período é caracterizado por uma diminuição das manifestações sexuais. Com a chegada da puberdade, inicia-se então a fase genital.

Fiori (2005) completa que o período de latência vem para que a criança possa se preparar para a realidade e despertar-se para a genitalidade no período da adolescência. Essa fase então é um período intermediário entre as etapas infantis e adultas, e que não desaparece por acaso, ela apenas se oculta e não sofre alterações. É nesse período também, que ocorrem os primeiros contatos sociais da criança fora de casa.

A passagem da criança para a vida adulta é marcada principalmente por mudanças físicas que dão ao adolescente a possibilidade de reprodução. A sexualidade então não engloba apenas o sexo em si, engloba aspectos físicos, psicológicos e sociais. Aspectos físicos naquilo que diz respeito a mudanças corporais, psicológicos no que envolve emoções, prazer, angústia e sociais quanto às atitudes que a sociedade impõe diante da sexualidade.

A sexualidade é apenas resultados de vivências íntimas que vão influenciar o desenvolvimento sexual de um determinado indivíduo, desde as primeiras manifestações afetivas do bebê bem como da satisfação que o mesmo tem diante de suas necessidades, como por exemplo, o contato com os pais, a sucção do leite materno, e a excreção. A forma como esse indivíduo vai se comportar afetiva e sexualmente dependerá de como o mesmo foi aconchegado, tocado pelos pais ou

por quem exerceu essas funções, mostrando que o desenvolvimento da sexualidade é um dos aspectos do desenvolvimento da personalidade humana (CECCON; EISENTEIN, 2000).

A sexualidade na vida de cada indivíduo é universal e ao mesmo tempo única, pois envolvem aspectos individuais, culturais, sociais e psíquicos que carregam histórias e atitudes desse sujeito. Além disso, a mídia contribui com as informações errôneas sobre a sexualidade, o que propicia a inicialização precoce das atividades sexuais bem como a vulgarização do mesmo. Diante essa problemática, é necessário trabalhar com a população temas como a sexualidade e o sexo, a fim de promover uma Educação Sexual mais efetiva e a promoção da saúde sexual. Mas não foi isso que aconteceu ao longo dos tempos.

A sociedade considerava que a sexualidade era algo sujo, proibido, em que havia pecado e assim, negou-se educação sexual aos jovens, dificultando a orientação quanto à saúde sexual do indivíduo. Além disso, vale ressaltar que, mitos e tabus sobre a sexualidade contribuem apenas para o acúmulo da curiosidade e credences populares que apenas estimulam preconceitos e discriminações na sociedade. É importante entender que a sexualidade é algo integrante do indivíduo e que estilos de vida podem ser vivenciados por pessoas diferentes, já que isso é algo natural em uma sociedade de credences e de diversidade de valores (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Segundo Gomes (2008) debater sobre sexualidade é de suma importância para o mundo moderno, principalmente para a prevenção das DST's - Doenças Sexualmente Transmissíveis e da gravidez precoce, mas para isso é necessário conhecer a realidade de cada adolescente e a maneira como cada um vive a sua sexualidade, para que a abordagem do tema seja feita de forma natural e verdadeira inspirando segurança, pois é nessa fase da vida que os jovens começam a reconhecer, aceitar e assumir o que são como forma de conquista de seu espaço na sociedade.

É nesse período também, que os jovens começam a se preocupar com a aparência física, desenvolvendo preocupações não apenas com as mudanças do corpo, mas também com o seu potencial de sedução e atração sexual, chegando até mesmo imitar personagens da TV, filmes e revistas apenas como forma de serem mais atraentes do que aparentemente são, visto que essa é uma fase de experimentações, onde tudo é novidade para os adolescentes.

A atividade sexual geralmente se inicia na adolescência. Além disso, vários estudos comprovam que a iniciação das atividades sexuais está intimamente ligada com aspectos da vida dos jovens, onde se percebe que os adolescentes do sexo masculino, que fumam, ingerem bebidas alcoólicas e de menor nível socioeconômico são os primeiros a iniciar as atividades sexuais de forma precoce. Além disso, o início prematuro das atividades sexuais promove apenas uma menor seletividade e um maior número de parceiros, o que contribui apenas para o aumento do risco de contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (CRUZEIRO, et al; 2008).

As informações transmitidas aos jovens sobre sexo, geralmente costumam apenas incorporar aspectos sobre a reprodução humana com esclarecimentos sobre a sexualidade. Trabalha-se muito sobre os espermatozoides, óvulos, ovários, fecundação, gestação e muito pouco sobre relação sexual, orgasmo, coito, masturbação, doenças sexualmente transmissíveis dentre outros assuntos (SILVA; SILVA; ALVES, 2004).

Além disso, vivemos em uma época de fortes estímulos sexuais e que a mídia incentiva o ato sexual sem dar a mínima importância às noções de segurança do mesmo. Os meios de comunicação influenciam os jovens com propagandas jamais vistas por outras gerações e fazendo crescer dentro de si a fantasia de que toda relação sexual é extraordinária, visto que os adolescentes acabam se influenciando por essas propagandas (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

Diante de todas essas problemáticas, o educador encontra dificuldades de orientar e encontrar melhores formas para informar e trabalhar a temática da sexualidade dentro do âmbito escolar.

De acordo com Cruz e Oliveira (2002) falar de sexualidade dentro da escola era considerado uma afronta à sociedade, e o professor que ministrasse alguma aula dentro deste contexto, era punido de alguma forma. Portanto, falar de sexualidade dentro do ambiente escolar era terminantemente proibido.

Reprimida por muito tempo nas escolas a sexualidade, trouxe ao professor o padrão de comportamento em agir com o adolescente o percebendo como se fosse um ser assexuado, mesmo quando este chegava à adolescência.

O melhor a se fazer então, era não tocar no assunto e deixar que o tempo e a natureza se encarregassem de ensinar a esses adolescentes as transformações ocorridas no seu corpo e psicológico. Como a repressão era muito grande dentro do

âmbito escolar, o melhor a se fazer era realmente não tocar no assunto para não despertar interesse dos alunos (TIBA, 1994).

Observa-se então que durante anos o preconceito, o medo, o tabu, o despreparo foi muito grande diante a temática da sexualidade, e que a escola, por meio de seus professores, disfarçavam o assunto, pois eram censurados a falar do mesmo. Assim, a sociedade repudiava qualquer tentativa de comentário sobre a sexualidade afim de não perverter física ou moralmente os adolescentes. Sendo assim, essa cultura de preconceito, medo e despreparo foi mantida por anos (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

Mas para Dubeux (1998) a educação sexual se encaixa perfeitamente em qualquer estudo sobre a adolescência.

O ambiente escolar foi o local eleito para a inserção da educação preventiva. Este trabalho, ligado à sexualidade tem como função envolver definições de diretrizes que vão auxiliar na formação do adolescente bem como a participação permanente de todos os integrantes do âmbito escolar. Postura segura e assertividade são ações fundamentais para a credibilidade das ações preventivas na orientação sexual dos adolescentes (GERPELLI, 1996).

6 POSSÍVEIS MANEIRAS DE SE TRABALHAR A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A sexualidade se inicia com o nascimento do indivíduo e o seu desenvolvimento acontece durante toda a sua vida. Mas é na puberdade, que os sinais da sexualidade se tornam mais visíveis no ser humano. Infelizmente, nossos jovens ainda não recebem as instruções confiáveis e necessárias a respeito da sexualidade sendo que a vida sexual desses adolescentes se inicia cada vez mais cedo e acontece de forma despreparada e imatura. A mídia contribui para tal acontecimento, veiculando padrões de beleza acrescidos de músicas que induzem esses jovens ao sexo precoce. Esse despreparo e imaturidade para com a sua sexualidade podem trazer vários problemas para a vida do adolescente, como por exemplo, uma gravidez indesejável ou uma doença sexualmente transmissível (NARCHAD, 2008).

A impressão que se tem da mídia escrita e falada, é que a temática do sexo e da sexualidade está tão desenvolvida e clara que não se tem mais nada a abordar sobre o assunto a não ser aquilo que a sociedade sabe, ou diz saber, sobre o mesmo. As pessoas fingem saber muito sobre a temática da sexualidade, mas a realidade é que não sabem nem a metade do que pensam, o que acaba tornando a sexualidade um mistério, principalmente para os adolescentes, que entram em um novo mundo e buscam, incessantemente, respostas para suas dúvidas que podem incluir até mesmo suas sensações sexuais. Diante disso, é de suma importância que o adolescente tenha pessoas com quem expressar suas dúvidas, e com isso obter respostas sobre a sexualidade de modo a orientar o mesmo com confiança e segurança sobre a temática da sexualidade (CECCON; EISENSTEIN, 2000).

Fonseca (2009) afirma que a educação sexual visa construir, de forma positiva, uma visão conveniente sobre a sexualidade, para que os adolescentes possam elaborar seus próprios valores buscando compreender as mudanças que ocorrem durante a puberdade, bem como as mudanças de seu comportamento e de seu próximo, visando um pensamento crítico para que possam tomar decisões responsáveis quanto a sua sexualidade.

Para Moizés e Bueno (2009) o diálogo, no que se diz respeito à educação sexual, é o instrumento básico para a abordagem dessa temática. Existem adolescentes que são curiosos, perguntam, interagem com o assunto. No entanto,

existem alguns que nada perguntam, outros, precisam de um ambiente que lhes ofereça ousadia para levantar questões sobre a sexualidade. Diante disso, é necessário que esses adolescentes possuam acesso a material informativo e a bibliografias adequadas para a idade em que se encontram, para que o assunto seja abordado com mais facilidade.

A escola, no entanto, deve assumir o papel de educar a sexualidade, o trabalho de educação sexual, a fim de mudar conceitos pré-estabelecidos, crenças e tabus que acabam distorcendo a visão certa da sexualidade, sem ocultar a família dessa tarefa, pois a criança quando inserida no âmbito escolar, já possui idéias sobre sexualidade. Essa interação família-escola é essencial para que a sexualidade não se torne um assunto em que a escola afirma algo e a família afirma outro completamente diferente. Isso apenas contribui para idéias errôneas sobre a sexualidade.

Além disso, por pertencerem a uma cultura cheia de mitos e tabus, trabalhar a sexualidade na escola pode ser algo difícil para os professores, pois nem sempre eles se sentem tranquilos e maduros diante da sua própria sexualidade. A escola então é o local ideal para que os adolescentes possam sanar suas dúvidas, e o professor não precisa ser um especialista em educação sexual, apenas um profissional capacitado em debater a sexualidade humana, a fim de utilizar de recursos pedagógicos que induzam os alunos a refletir e debater idéias sobre o assunto e atualizar e reciclar seus conhecimentos sobre o assunto sempre que necessário, sendo assim o mediador de conhecimento diante a temática da sexualidade.

Ainda de acordo com o autor supracitado, nos debates sobre sexualidade, existem perguntas feitas pelos adolescentes que nem os pais ou os próprios professores se ousam a fazer. São gerações diferentes, uma cultura que vai mudando aos poucos diante da sexualidade, e é a educação sexual que estimula essa troca de idéias e contribui para o relacionamento social entre as pessoas, evitando pré-conceitos.

De acordo com Cruz e Oliveira (2002) a sexualidade ainda se apresenta como tabu para professores e alunos e ainda é motivo de polêmicas dentro da sala de aula. A sexualidade é um tema que deve ser debatido com muita naturalidade dentro da escola, deixando claro que a mesma se inicia a partir do nascimento do ser humano e se encerra apenas com a morte do indivíduo, e que a idéia de que a

sexualidade do sujeito esta presente apenas a partir da adolescência, é a principal responsável por inúmeros erros e desencontros quanto à orientação sexual.

Apesar da sociedade estar avançada quanto a tecnologia, quanto a temática da sexualidade, a mesma insiste em possuir preconceitos e tabus que impedem a construção de um novo intelecto em relação a sexualidade, e é a escola que deve entrar como agente para auxiliar na formação dessa nova mentalidade em relação ao sexo.

O conhecimento é o caminho ideal para que os jovens não se percam entre os mitos que podem contribuir de forma errônea para sua vida sexual, mas falar de sexualidade na escola é algo que torna apreensivo não apenas para os alunos, mais também para os professores (TIBA, 1994).

Para Ceccon e Eisenstein (2000) o sexo é um assunto que constrange, e mesmo pais que procuram se informar sobre a sexualidade humana e dos próprios filhos, às vezes ficam surpresos diante das manifestações sexuais dos mesmos e ficam indecisos, sem saber como orientar, o que reprimir e o que permitir. É o que geralmente acontece quando o adolescente o aborda com perguntas desafiadoras ou até mesmo diante das primeiras manifestações sexuais, como por exemplo, a primeira relação sexual e a masturbação.

Diante das dificuldades de conversar sobre a temática da sexualidade dos filhos com os próprios filhos, existem pais que preferem simplesmente ignorar a sexualidade dos mesmos. Com isso, os pais bloqueiam o relacionamento pai-filho e acabam criando conflitos que vão influenciar no desenvolvimento de uma sexualidade saudável. Mas essa apatia em abordar assuntos relacionados ao sexo pode estar intimamente ligada a problemas referentes à própria sexualidade que marcaram a vida desses pais quando adolescentes, e o silêncio da família acaba apenas acrescentando ao silêncio de educadores e instituições.

Nos anos 80 a família ficou em segundo plano no que dizia respeito à educação sexual. Com a consolidação da escola como local apropriado para debates sobre educação sexual e com a formação de professores capacitados para debater a temática da sexualidade, os pais perderam autonomia como educadores sexuais de seus filhos e ainda foram responsabilizados de direcionar para as escolas jovens desinformados e com atitudes negativas em relação às atividades sexuais (MONTARDO, 2004).

A escola então é um local de transmissão de conhecimentos, e que ainda sofre com a repressão de questões que estão dentro de uma realidade social, sendo que a orientação sexual é uma dessas questões. A construção de uma escola transformadora quanto à temática da sexualidade, é um trabalho demorado e sucessivo, que deve auxiliar o aluno em sua vida fora da escola, propiciando ao mesmo a formação de uma nova sociedade, com a construção de uma nova forma de relacionamento humano, sem preconceitos e tabus diante a orientação sexual (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

Mas para isso, a relação aluno-professor é muito importante, pois o professor deve encontrar-se preparado para o debate do tema, mantendo a sua postura de educador garantindo o respeito e a participação dos alunos durante as aulas, considerando a opinião de cada um deles (BRASIL, 1997).

O adolescente não se interessa apenas por temas relacionados à reprodução humana, eles querem ir além do que os pais, a escola e até mesmo a sociedade permitem. Eles desejam saber como é o funcionamento do corpo, eles querem aprender o “jogo” da sedução, a conquista do amor e saber até onde vai à potencialidade do seu corpo como homem ou mulher, quer viver as suas fantasias impulsionando assim os seus desejos sexuais.

Se a escola e os pais não se abrem para um diálogo produtivo, isso pode levar o jovem a obter idéias errôneas sobre sexo e sexualidade, absolvendo pré-conceitos, mitos e tabus que podem tornar ainda mais difícil um período que já é complicado (CICCON; EISENSTEN; 2000).

Um educador sexual deve ser diferente de um educador comum, pois o seu dever não é apenas transmitir o conhecimento do conteúdo que trabalha, mas sim lidar com questionamentos e tabus que os alunos possuem, para que o mesmo possa sanar as dúvidas existentes.

Além disso, deve ser um profissional atencioso e sensível para com os seus alunos, para que possa perceber as necessidades de cada um deles, sabendo organizar debates relacionados à temática da sexualidade e trabalhar com naturalidade os temas que serão debatidos diante do assunto, buscando organizar dinâmicas referentes à educação sexual para que suas aulas se tornem cada vez mais agradáveis, despertando assim o interesse dos alunos, diminuindo assim o seu pudor, a sua vergonha de conversar sobre sexualidade (MONTARDO, 2008 a)

Falar de sexualidade dentro da escola, utilizando-se de métodos que vão auxiliar um debate e reflexão sobre conceitos pré-estabelecidos, são meios eficazes para possibilitar a superação de assuntos que fazem parte do cotidiano dos jovens, possibilitando assim o desenvolvimento e a revisão de algumas atitudes e problemas vividos por eles, como por exemplo, gravidez indesejável, DST, AIDS, namoro, o “ficar”, aceitação do próprio corpo, conceito de beleza, bem como outros assuntos que vão proporcionar a esses jovens a construção de idéias coletivas que vão auxiliá-los em possíveis problemas futuros, buscando colocar a sexualidade como tema de reflexão da cidadania e de aspectos que valorizem a afetividade humana (MARQUINI, 2007).

Os objetivos de se educar sexualmente não estão somente direcionados a prevenção das DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis e da gravidez precoce e/ou indesejável. Souza (1991) afirma que os objetivos da educação sexual é formar um adulto física e mentalmente saudável, proporcionando ao jovem o esclarecimento de suas dúvidas diante a sexualidade, melhorar o relacionamento do mesmo com a família, desenvolvendo sua liberdade para que possa decidir seus atos com consciência, visando despertar a sua responsabilidade, como por exemplo, saber as conseqüências que uma relação sexual sem a devida prevenção pode lhe trazer, a fim de ajudá-lo a superar mitos, tabus e preconceitos inerentes a sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS propõe que a temática da sexualidade seja abordada por meio da transversalidade dos conteúdos, ou seja, deve ser abordada em todas as áreas do conhecimento e o assunto abordado em sala de aula, deve voltar à tona com um aprofundamento maior, sempre que o aluno se mostrar interessado. A transversalidade então não implica em apenas o professor dominar o conteúdo com o qual ele trabalha, implica então em capacitar esse professor para que o mesmo possa desenvolver um trabalho esclarecedor sobre a temática da sexualidade, sendo então bem informado sobre o assunto e consciente da importância de sua atuação na área (MOIZÉS; BUENO, 2009).

Apesar da idéia de incluir a educação sexual como matéria no currículo escolar dos adolescentes seja antiga, somente a partir do ano 2000 é que esta proposta começou a se concretizar em algumas salas de aula, mas ainda sim com alguns entraves quanto à atuação, incentivo e preparo destes educadores por parte dos órgãos competentes. Portanto, a falta de preparo e dificuldades para se

trabalhar a temática da sexualidade dentro da sala de aula, acaba por gerar inúmeras perguntas quanto ao preparo destes profissionais, como por exemplo, se os professores estão preparados para lidar com a temática da sexualidade quanto a seus mitos e preconceitos, como o educador deve agir dentro da sala de aula diante esta temática, e até mesmo como a sexualidade por influenciar os adolescentes no processo de ensino-aprendizagem (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

A orientação sexual enquanto tema transversal coloca a sexualidade como assunto importante para a vida do adolescente, e a mesma deve ser exposta, esclarecida, questionada e socializada. Isso permite que o aluno encontre dentro do âmbito escolar informação e formação diante a temática da sexualidade.

O professor então deve abordar a sexualidade no âmbito escolar de forma aberta e estimulante. Aberta no sentido de deixar os alunos à vontade quanto ao assunto debatido e estimulante no sentido de promover atividades que vão desenvolver o questionamento do aluno quanto à temática da sexualidade. A postura do educador quanto à sexualidade é de grande importância para a busca de respostas do adolescente quanto ao tema. A preparação do professor, não com respostas prontas, mas com réplicas que norteiem as dúvidas dos alunos, é de suma importância para promover a incitação e reflexão crítica de seus alunos (COUTO; VALE, 2002).

E como abordar a temática da sexualidade no ambiente escolar sem que o assunto se torne vulgar e incoerente com os alunos?

Vitiello (1997) relata que, para os objetivos dos programas de educação sexual nas escolas sejam alcançados, os mesmos devem possuir planejamentos e ações pedagógicas sistemáticas, além de serem adequadas para a idade dos alunos e utilizar de métodos diferenciados e criatividade para estimular a participação dos mesmos, respeitando a intimidades, limites e posicionamento de cada um deles auxiliando-os para que façam suas escolhas e combatam mitos, preconceitos e tabus diante da sexualidade.

Para que isso seja feito de forma correta, é necessário que o programa de educação sexual seja realizado de forma contínua, sistemática e regular ao longo de toda a vida escolar e que palestras realizadas por profissionais como, por exemplo, médicos, enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais sejam apenas como forma de complemento para educação sexual, pois essas palestras não constituem educação

sexual em si, e funcionam apenas como meras informações sobre a temática da sexualidade.

De acordo com os Parâmetros Curriculares, a sexualidade primeiramente é abordada no ambiente privado, ou seja, em casa por meio das relações familiares, onde essa abordagem acontecerá de forma direta ou indireta e serão transmitidos valores que cada família adota como o seu referencial e espera que seus filhos assumam e aceitem esses valores.

De forma diferenciada, o trabalho realizado dentro da escola sobre a temática da sexualidade não compete e nem substitui a função da família de orientar os jovens quanto ao assunto, à escola apenas acrescenta informações sobre o tema de modo a abordar diferentes pontos de vista, crenças, mitos e valores, auxiliando e levando o aluno a uma reflexão quanto à sexualidade, questionando e ampliando o seu conhecimento e as opções do mesmo para escolher o seu caminho. Com isso, nas escolas em que se tem esse trabalho de orientação sexual, o rendimento escolar aumentou consideravelmente.

A participação dos alunos sobre o trabalho desenvolvido pelo professor deve ser constante, pois é por meio desta participação que os alunos vão se posicionar diante do tema, levantando dúvidas, questionamentos e pontos em comuns que devem ser discutidos pelo educador (COUTO; VALE, 2002).

O papel da escola então é abrir espaço para que os alunos possam expressar o maior número de concepções e valores sobre a sexualidade, pois o trabalho de orientação sexual feito pela escola irá complementar a educação dada pela família.

O professor então transmite valores com relação à sexualidade, mesmo sem perceber, na forma como o mesmo responde as perguntas mais simples trazidas pelos alunos diante das dúvidas que surgem para com a sexualidade dos mesmos. Com isso, apenas se vê a necessidade da escola possuir profissionais capacitados e acesso a informações específicas para tratar da sexualidade com os adolescentes, construindo assim uma postura íntegra e consciente diante a temática da sexualidade (NACHARD, 2008).

Sendo assim, o papel da escola não é dizer aos jovens o que é certo e o que é errado diante a temática da sexualidade, mas sim orientá-lo a uma reflexão crítica sobre o assunto para o que o mesmo possa fazer suas escolhas.

A sexualidade deve ser um tema discutido entre os professores visando buscar maneiras de orientar e informar os jovens sobre o sexo seguro, sobre as

responsabilidades que a vida sexual pode lhes trazer, buscando completar a educação sexual que é passada inicialmente em casa pelos pais e, se essa iniciação não tiver sido adequada, a escola e seus educadores devem estar preparados para suprir as falhas deixadas pelos pais diante essa temática (FONSECA, 2009).

Os adolescentes possuem dúvidas e questionamentos quanto ao sexo e a sexualidade que devem ser respondidas de maneira verdadeira e direta. Uma forma positiva de se trabalhar esse assunto e que irá trazer um entendimento do aluno quanto à temática da sexualidade, é abranger o assunto com dinâmicas que irão promover uma reflexão mais simples e divertida diante de temas que parecem ser um “bicho de sete cabeças”, como por exemplo, primeira relação sexual, masturbação, menstruação, virgindade, dentre outros.

Portanto, a escolha da dinâmica a ser aplicada com o grupo é de grande importância, pois a mesma deve conter os objetivos que se quer alcançar com a sua aplicação, bem como o número de participantes e tempo que se tem disponível, a fim de tornar esses pré-requisitos os elementos básicos e fundamentais para o bom desenvolver do trabalho evitando imprevistos. A aplicação desse tipo de atividade para com os alunos é primordial para que os mesmos possam vivenciar os temas abordados, a fim de assimilá-los no seu cotidiano como algo valioso que vão auxiliá-los em sua vida social e sexual (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

Diante disso, todo o ser humano precisa de uma orientação sexual onde os pais possuam um papel fundamental na construção da orientação sexual de seus filhos, e a escola não deve se omitir da responsabilidade de acrescentar informações claras e objetivas sanando então as dúvidas existentes por parte dos alunos. (NACHARD, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, que foi baseado em publicações elaboradas por diversos autores quanto à temática da sexualidade, deixou claro a importância da educação sexual para o indivíduo e a sua evolução através do tempo.

A sexualidade sofreu e ainda sofre com diversos mitos, tabus e preconceitos que apenas adicionam idéias errôneas sobre o tema, o que contribui apenas para o acúmulo da curiosidade quanto a essa temática e para o início das atividades sexuais de forma imatura.

É possível perceber que a sexualidade passou por diversas fases durante a sua história e que hoje em dia ainda se encontra vestígios de mitos, tabus e preconceitos que atrapalham a evolução da mesma como tema a ser abordado na escola, limitando os alunos a saberem apenas noções básicas sobre anatomia, fisiologia, procriação, gravidez precoce e/ou indesejável e doenças sexualmente transmissíveis.

É de suma importância para a vida indivíduo, sanar dúvidas que estejam ligadas a sexualidade, buscando orientá-lo a tomar as decisões certas quanto a sua sexualidade.

As orientações sexuais dadas pela família são de grande importância para o sujeito na sua formação sexual, mas sem deixar o contexto familiar em segundo plano, a escola é fundamental para a orientação sexual do mesmo, pois é na escola, no convívio com os colegas, diante das primeiras manifestações de desejo para com o próximo, que surgem as dúvidas quanto à sexualidade.

É então que o professor deve entrar em cena, buscando orientar os alunos quanto à temática da sexualidade, orientando e sanando suas dúvidas sempre que necessário de forma clara, objetiva e verdadeira, para que os mesmos possam pensar de forma crítica quanto à temática da sexualidade.

Portanto, trazer o assunto para dentro da sala de aula é de grande valia para que se possa orientar os alunos. E para que isso aconteça de forma clara, objetiva e verdadeira sem se tornar um assunto pesado e chato de se debater, o professor deve estar capacitado a orientar os alunos quanto a dúvidas existentes, trabalhando a temática da sexualidade com dinâmicas que vão trazer os alunos para o contexto

do assunto debatido, não apenas como ouvintes do mesmo, mais como participantes ativos de um assunto saudável que pode ajudar muito no que diz respeito às dúvidas e os medos que os adolescentes possuem em relação à sexualidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **“A nova moral sexual”**. Scientia Sexualis. Rio de Janeiro, 1997.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **“Historia crítica da sexualidade”**. In: ANDRADE-SILVA, Maria do Carmo et all. Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar. Rio de Janeiro, Editora Central da Universidade Gama Filho, 1997 a.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **A sexualidade do universitário**: uma pesquisa entre estudantes universitário do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado: Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1985.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **Moral sexual**: um estudo do pensamento católico e suas relações com a sociedade brasileira. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1995.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **Sexo e moralidade**: o prazer como transgressão no pensamento católico. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 1997 b.

BOCK, Ana Maria Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: DF, 1997.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renuncia no início do cristianismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

CECCON, Claudius; EISENSTEIN, Evelyn. **Saúde, vida e alegria** - manual para a educação em saúde de adolescentes. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

COUTO, Iolêa Costa do; VALE, Sílvia Mara Bentes. Puberdade, sexualidade e escola: um elo de buscas e descobertas. Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/puberdade sexualidade e escola.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/puberdade%20sexualidade%20e%20escola.pdf). Acesso em: 08 de junho 2010.

CRUZ, Ana Cláudia Neves da; OLIVEIRA, Sílvia Michele Paiva de. Sexualidade do adolescente: um novo olhar sem mitos e preconceitos. Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/sexualidade do adolescente.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/sexualidade%20do%20adolescente.pdf). Acesso em: 06 de junho 2010.

CRUZEIRO, Ana Laura Sica; et al. Iniciação sexual entre adolescentes de Pelotas, Rio Grande do Sul. Disponível em: http://revistausp.sibi.usp.br/sciel.php?pid=S0104-12822008000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 14 de setembro 2010.

DUBEUX, C.R. Quando o assunto é sexo. Dissertação de mestrado em Antropologia Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1998.

FIORI, W.R. Desenvolvimento emocional. In: RAPPAPORT, C.R. FIORI, W.R.; DAVIS, C. **A idade escolar e a adolescência**. Coord. Clara Regina Rappaport. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2005.

Fonseca, Juliana Souto. **A educação sexual para adolescentes dentro do ambiente escolar**. 2009. 41p. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Faculdade Patos de Minas. Patos de Minas, 2009.

GHERPELLI, Maria Helena Vilela. A educação preventiva em sexualidade da adolescência. Série Idéias. São Paulo: FDE, 1996.

GOMES, Ana Paula M. J. Manifestações da sexualidade no comportamento dos adolescentes e a influência da mídia. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/445-4.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2010.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais**: a história da sexualidade humana. São Paulo, Roca, 1982.

LOYOLA, Maria Andréa. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n4/16838l.pdf>. Acesso em: 04 de junho 2010.

MARCONDES, Kathy Amorim. Sexualidade Infantil: considerações relevantes para o trabalho pedagógico. **Revista universo pedagógico**, v.5, 1992, p. 22-31. Disponível em: <http://www.portas.ufes.br/docs/Artigos/Sexualidade%20infantil.pdf>. Acesso em: 13 de setembro 2010.

MARQUINI, Maria de Lourdes. Atividades de Sexualidade na escola para aperfeiçoamento da cidadania dos alunos: limites e possibilidades. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/375-4.pdf>. Acesso em 07 de junho 2010.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2010.

MONTARDO, J. A escola e a educação sexual. **La Salle – Revista de educação, ciência e cultura**, v. 13, n. 1, p. 161-173, jan-jun 2008. a.

MONTARDO, J. Gravidez em adolescentes. **Contexto e Educação**, Gênero e Educação – um diálogo necessário, Ijuí, n.71/72, p. 9-109, jan-dez 2004.

NACHARD, Leni Mércia. Sexualidade na escola. Disponível em: <http://www.cev.org.br/biblioteca/sexualidade-escola>. Acesso em: 07 de junho 2010.

PINHEIRO, Márcia da Silva. Aspectos bio-psico-sociais da criança e do adolescente. Disponível em http://www.cedeca.org.br/PDF/biopsicosocial_marcia_pinheiro.pdf. Acesso em: 13 de setembro 2010.

RIBEIRO, Marcos. **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Ed. Gente, 1999.

ROUSSELLE, Aline. **Pornéia**: sexualidade e amor no mundo antigo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984

SILVA, José Amilton da; DORIGON, Antônio. A sexualidade na história sob a perspectiva das religiões. Disponível em: <http://diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-2.pdf>. Acesso em: 07 de junho 2010.

SILVA, Macilene Severina da; Silva, Marcelo Rodrigues da; Alves, Maria de Fátima Paz. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer tabus. Disponível em: <http://www.ufmg.br/congrex/Educa/Educa169.pdf>. Acesso em: 07 de junho 2010.

SOUZA, H. **Convivendo com seu sexo**. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. Sexualidade e Adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp700540.pdf>. Acesso em: 01 maio 2010.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983.

TIBA, Içami. **Adolescência o despertar do sexo**: um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. 4. ed. São Paulo: Gente, 1994.

VITIELLO, N. **Sexualidade** – quem educa o educador. São Paulo: Iglu. 1997.

WOOD, Robert. **“Civilizações antigas, vida sexual”**. In: Ellis, Albert & Abarbanel, Albert (orgs). Enciclopédia do comportamento sexual. Trad. Edison Carneiro. V.II C-E. Rido de Janeiro, 1967.